

CAMPELO

ANO VIII — (II Série) — N.º 85
DEZEMBRO DE 1977

Director: P.º MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal



FORTE
PAGO

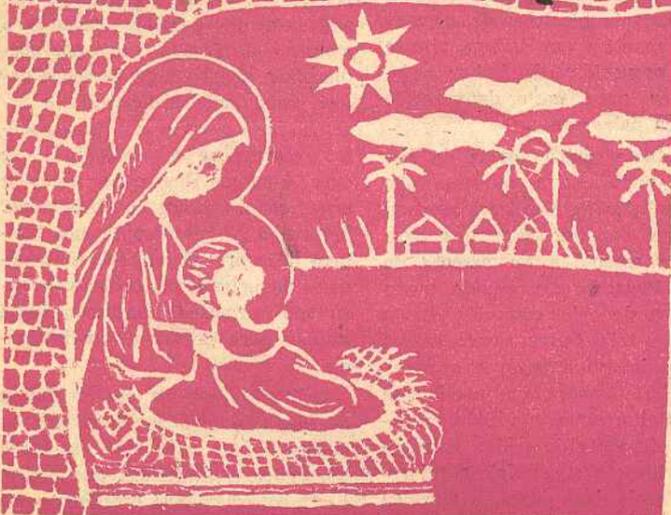
Redacção e Administração:
R. da Cadeia—Figueiró dos Vinhos

Edição, Composição e Impressão
«Gráfica de Coimbra»

Telefone 42395
(Figueiró dos Vinhos)

PERIÓDICO REGIONAL DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

NATAL!... PARA QUÊ?...



O Natal!...

Cidades alindadas, ruas atapetadas, mercados cheios, montras enfeitadas, brinquedos para as crianças, presépios, esmolas... É o Natal que vem! Natal — palavra que gera alegria e cria saudade.

Há troca de prendas, há delírio, há boios, há festa, baixa-se a Imagem do Menino Jesus, entoam-se ou ouvem-se canções da quadra.

Empresas comerciais premeiam os seus empregados, as famílias reúnem-se e come-se a bela Ceia do Natal.

É Natal!

Mas ele passa e... fica tudo na mesma: as crianças tristes, os pobres sem esperança e homens mergulhados na desventura.

Porquê? pergunto? Por que o Natal deixou de ser NATAL?

É verdade que Cristo vem pelo Natal, sim! Mas Ele vem todos os dias. Está no meio de nós há quase dois mil anos! E ainda O não descobrimos?

Reparai: Cristo dorme numa barraca onde entra o frio e a chuva; Cristo esfalfa-se a trabalhar todo o dia para sustentar a família; Cristo sofre na enfermaria do hospital sem as mínimas condições; ou no leito da casa, bem próximo da tua; anda mal alimentado, não sabe ler nem escrever, é explorado ou traído, despedido ou enganado. Não acredita?

Lê os Evangelhos e lá verás: «Tudo o que fizeste ou deixaste de fazer a teu próximo, o mais humilde e desamparado foi a MIM mesmo (CRISTO) que o fizeste ou deixaste de fazer.

Belas tradições, cristãos tranquilos, Igrejas cheias, lindos cânticos, belos presépios, árvores de Natal luxuosas, boa lareira, mesa farta e... Natal sem Fé, sem Cristo, porque sem Amor, sem Justiça.

Que interessa que Cristo tenha nascido há cerca de dois mil anos, que tenha vivido e ensinado a viver dum modo novo, se desconhecemos na prática a Sua doutrina de perdão, amor, justiça?

Que interessa celebrar o Seu Nascimento (NATAL) se, ao fim de 10, 20, 30, 70 anos, ainda não permitimos que o Seu Espírito nascesse em nós, na nossa consciência, na nossa vida de família, de trabalho, de convívio, de divertimento?

NÃO CELEBRES O NATAL SE NÃO DEIXAS NASCER CRISTO NA TUA VIDA.

NÃO FAÇAS DA TUA VIDA UMA FARSA, POIS A QUEM PRETENDES ENGANAR? A DEUS NÃO CONSEGUES.

Vive o Natal fazendo aos outros o que farias ao próprio Cristo.

A TODOS OS NOSSOS ASSINANTES, LEITORES E AMIGOS, UM BOM NATAL E ANO NOVO FELIZ.

RADIOGRAFIA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ

A Comarca de Figueiró dos Vinhos é constituída por três concelhos: Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande.

O Concelho de Castanheira tinha, segundo o recenseamento de 1970, 4.831 habitantes. É constituído por duas freguesias: Castanheira de Pera com 4.570 pessoas e Coentral, apenas com 261 habitantes.

Este concelho tem várias fábricas de lanifícios, vivendo, por isso, em situação económica razoável.

Segundo o censo de prática dominical apenas 18,77% dos residentes assistem aos Domingos à Missa, ficando bastante abaixo da prática dominical de Coimbra (23,89%) e dos restantes concelhos da região.

Figueiró dos Vinhos tem quatro freguesias: Aguda, Arega, Campelo e Figueiró dos Vinhos. Segundo o recenseamento de 1970, Aguda tinha 1.645 habitantes, Arega, 1.698 h., Campelo, 961 h., e Figueiró dos Vinhos, 4.811 h.. O concelho tinha assim 9.115 pessoas. Conforme os dados do recenseamento da prática dominical, vão à missa, em todo o concelho, 26,8% dos residentes. Esta percentagem fica abaixo da média da Diocese de Coimbra e muito aquém dos 55,67% do vizinho concelho de Ansião.

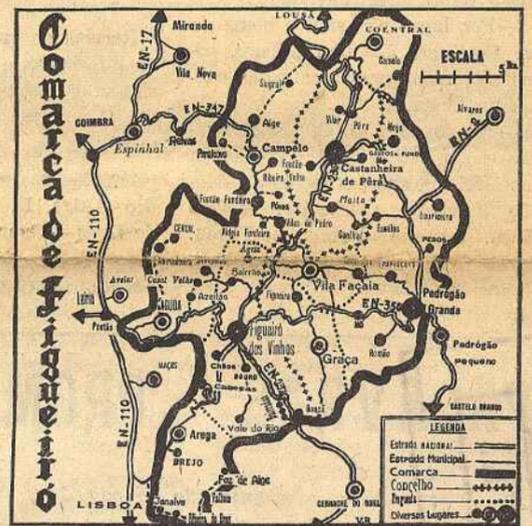
O Povo deste concelho vive, sobretudo, da agricultura, pois, as indústrias aqui instaladas são em pequeno número e dão emprego a poucas pessoas. As vias de comunicação são precárias e o território bastante extenso. Talvez isto explique em parte a fraca prática dominical, pois os seus habitantes são tradicionalmente católicos.

Por fim, falamos do concelho de Pedrógão Grande. Servindo-nos ainda do censo referido, este concelho tinha, em 1970, 5.173 pessoas. Para além de Pedrógão Grande, inclui as freguesias da Graça e Vila Fachaia.

Pedrógão Grande tinha 2.940 habitantes; a Graça, 1.244 h.; e Vila Fachaia, 989 h.. Este concelho apre-

sentava a percentagem de 29,24% de prática da Missa dominical.

As freguesias da Graça e Vila Fachaia são pequenas em extensão territorial, o que não acontece com Pedrógão Grande que é de longe a maior freguesia da Comarca, em território. Poucas são as indústrias neste concelho e o atraso em vias de comunicação é também grande. No entanto, nos últimos anos, muito se tem feito neste aspecto.



Depois de termos referido alguns aspectos da vida das gentes da Comarca de Figueiró dos Vinhos, não queremos deixar de referir que o seu Povo é bom e trabalhador e espera que os seus dirigentes políticos e religiosos o não desamparem, motivando-os à acção e renovação em ordem a um futuro melhor.

PALAVRAS

PROMETIDAS

Convento de Figueiró

Entre as espécies arbóreas componentes da Floresta da nossa Região, existem duas — Castanheiros e Carvalhos — que, pelo acentuado número de anos do seu ciclo vegetativo; porte altivo e atlético (desafiam o raio e o ciclone); poder ornamental e utilidade, deviam merecer, da nossa parte, protecção e cuidados especiais para a sua sobrevivência.

Quanto ao Castanheiro, ajudá-lo a vencer a luta titânica que trava contra a doença da Tinta que, qual cancro vegetal, tem abatido, mortalmente, os mais vigorosos e gigantes exemplares da sua espécie. E como ajudá-lo? À medida que se forem extinguindo pela doença ou pela idade, substituí-los por outros jovens do Japão, imunes à doença da Tinta e, na altura própria, enxertá-los com garfos da espécie irmã indígena. O sr. José Simões Telhada possui, no quintal da sua vivenda, sítio ao Barreiro, um castanheiro japonês enxertado que é um exemplar saudável e admirável.

O Carvalho, por seu turno, não é mais feliz que o seu vizinho e amigo montanhês porque, embora não esteja sujeito à doença da Tinta, tem um inimigo que não é mais humano — o Homem — havendo, no entanto, uma diferença importante entre os dois inimigos: a doença é inconsciente e, portanto, irresponsável e o Homem, consciente e responsável perante a Natureza.

A propósito do Carvalho não ter nascido sob o signo da Ventura, vem a falha de foice dizer que o desventurado tem levado, nos arredores da nossa Vila — Figueiró dos Vinhos — uma cresta que nem as abóboras em Maio. E, para que a cresta seja bem crestada, não são, apenas, os proprietários privados mas também os oficiais (a que é mais grave pois lhes

(Continua na pág. 2)

«Nesse mesmo ano de 1599 se fundou o Convento de Carmelitas descalças em Figueiró dos Vinhos, a pedido e por doação de Pero de Alcáçova e Vasconcelos, doando-lhes para isso a sua quinta da Eireira, com várias obrigações e direitos, como consta da respectiva escritura de doação, porém a fundação só se terminou no dia da Ascensão do Senhor, a 11 de Maio de 1600. Mas como a quinta da Eireira ficava fora do povoado, e a administração dos sacramentos se tornara difícil, mudou-se o convento para outro sítio, próximo da Vila, por acordo com o ilustre padroeiro. Em 1603 ainda o mesmo distinto padroeiro de Figueiró, e outras pessoas de consideração conseguiram que se fundasse

(Continua na pág. 2)

Notícias Regionais SUPERSTIÇÕES POPULARES

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Por despacho publicado no «Diário da República» foi concedida à Câmara Municipal deste Concelho, para a obra do Quartel dos Bombeiros Voluntários, a comparticipação de cinco mil e duzentos contos, com o seguinte escalonamento: 1977 — 500 contos, e 1978, 4 700 contos.

Foi concedida à mesma Câmara a verba de 20 500\$00 para a obra de abastecimento de água à Vila.

— Para construção de lavadouros na Aldeia da Cruz, Casal de Ferreiros, Bavirão, Castanheira e Lavandeira, foi concedida a participação de 150 contos.

POR AREGA

Foi concedido o reforço de 50 800\$ à Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, para a obra do caminho municipal n.º 1146 (construção do lanço da estrada municipal n.º 517 a Valbom — 2.ª fase).

PELO FONTÃO FUNDEIRO

Vai realizar-se no dia 1 de Janeiro o tradicional leilão para a Festa de N.ª Sr.ª da Saúde.

— Por lapso não saiu o nome do sr. Fernando Joaquim Ribeiro, como mordomo apresentante das contas da Festa de 1977.

— No passado dia 10 de Dezembro inaugurou-se a instalação da luz eléctrica nas povoações do Fontão Fundeiro e Cimeiro, Moinho Novo, Serrada, Poesia e Póvoa. Assim ficou melhor servida a gente destas localidades.

Pelas 16,30 foi ligada a energia, sendo depois servido um lanche bem fornecido às Autoridades Cívicas e demais convidados.

— No dia 23-11-1977, faleceu o sr. Abílio dos Santos, de 90 anos, viúvo de Maria das Dores.

O extinto era filho de Alberto dos Santos e de Justina Henriques, já falecidos.

A toda a família os nossos pésames.

POR LISBOA

No dia 30 de Outubro foi baptizada, na Igreja de S. Francisco de Paula, a menina Sónia Marina Morais Simões, filha dos srs. José Simões e Eulália Morais Simões.

Foram padrinhos os srs. Carlos Manuel Simões da Silva e Ana Maria Areal Moçozinho.

Parabéns e felicidades.

POR VILAS DE PEDRO

No dia de Natal, 25 de Dezembro, realizar-se-á o leilão para a

Festa de N.ª Sr.ª do Pranto.

POR ALGE

Começaram os trabalhos de electrificação desta zona. Se tudo correr bem, para a Páscoa já teremos luz eléctrica.

— Realizou-se catolicamente o casamento do sr. Celestino dos Santos Vaz, filho de Ramiro Vaz, falecido, e de D. Maria da Visitação dos Santos, com Marília de Jesus Nunes na Paróquia dos Anjos, em Lisboa. Isto o que podemos dizer, segundo a nota que nos chegou, entretanto, por via oficial.

PELO SINGRAL

Chegou-nos também nota oficial do casamento de Vítor Manuel Ferreira Dias, filho dos srs. Américo Marques Dias e de D. Maria de Jesus Ferreira, com a menina Elisa de Fátima Barbosa Pimenta.

N. B. — Sabemos que outros casamentos foram realizados, mas não nos chegou qualquer notícia deles.

AMIGOS DO JORNAL

Recebemos mais as seguintes quantias para o pagamento das assinaturas respectivas de «Notícias de Campelo», as quais agradecemos:

100\$00 — dos srs. José Tomás Pedro — Alge, D. Deolinda da Graça de Deus — Ovar, Lopo Ribeiro Cardoso Alves — Apelação, Fernando Cotrim Lourenço dos Santos — Fi-

gueiró dos Vinhos, António da Costa Simões — Brasil.

60\$00 — do sr. Antero Duarte Ferreira — Lisboa.

50\$00 — dos srs. Manuel Henriques Vaz — Alge, Joaquim Mendes Simões — Lisboa, José Conceição Carvalho — Ribeira Velha; Cidalina Maria Henriques — Lisboa, Manuel Simões Rodrigues — Campelinho, José Alberto Pereira Rodrigues — Vila Nova de Ourém, José Ferreira Lourenço — Lisboa, Joaquim dos Santos Mendes — Fontão Fundeiro e José da Costa Simões — Campelo.

40\$00 — dos srs. Silvío Joaquim — Casal e D. Maria de Jesus — Vale do Salgueiro.

CONTAS DO JORNAL

Foi-nos remetida uma nota de aumento de vinte e cinco por cento da impressão do jornal, já incluindo o número de Outubro. Assim as contas do número anterior não estão bem. O saldo era menor.

Incluindo o número de Novembro, as contas são agora, as seguintes:

Receita	160.480\$80
Despesa	157.965\$80

Saldo positivo	2.515\$00
----------------------	-----------

Chamamos a atenção para que os assinantes em atraso paguem o Jornal.

Convento de Figueiró

(Continuado da pág. 1)

o colégio das Carmelitas em Coimbra, com grande contentamento do Bispo Conde D. Afonso de Castelo Branco, e foi o primeiro local onde o colégio se estabeleceu, ao princípio da Rua das Fangas, à porta de Belcome, na Casa do Conde de Portalegre.»

(Do livro «A Seraphina do Carmelo», pelo Conde de Samodães)

PALAVRAS PROMETIDAS

(Continuado da pág. 1)

compete a defesa do colmeal) que aprendem com rapidez e perfeição a arte de crescer. Eu explico-me melhor: a Câmara Municipal do nosso Concelho é proprietária de um lindo carvalho, representante raro dos majestosos, úteies e turísticos carvalhais que ainda existiam quando eu era «menino e moço», sito ao lugar de Nossa Senhora dos Remédios, subúrbios da Vila atrás referida. No dia 20-2-76, fui (como ia com frequência) àquele lugar. E que espectáculo triste se depara a meus olhos estupefactos e incrédulos? O mais imponente, belo e nobre exemplar do carvalho câmarário jazia prostrado e morto no chão porque a serra mecânica carvalhecida lhe tinha decepado o tronco junto às raízes, com a agravante de, na sua queda, esmagar outro carvalho jovem, certamente, neto da vítima. Que razão de Estado teria levado a Câmara a autorizar a execução do roble majestoso? E que destino fora reservado aos despojos da vítima? Não sei mas, como figueiroense e amigo das árvores, desejava sabê-lo para me certificar se a minha tristeza era ou não destituída de fundamento. Trave de lagar? Arcão? Urna funerária? Banca de matar porcos? Padieiros de portas e janelas? Trave de soalho ou de engenho? Peças de mobiliário? Lenha de fogão ou lareira?... A meu ver (que pode ser errado), qualquer daquelas finalidades não justificava o sacrifício nem substituíam a vantagem ecológica e turística do carvalho abatido, com a garantia de que a madeira de eucalipto ou pinheiro, o cimento, areia e ferro, o gás Cidra ou outro as podiam, inteiramente, concretizar.

Estas palavras (afirmo-o com sinceridade) não envolvem a mais leve censura à Câmara Municipal pela autorização que sancionou. E não envolvem porque, se assim se determinou, foi, certamente, por haver razões de Estado para isso. Porém, o que não posso é deixar de lamentar o triste acontecimento. Logo que me for possível, apresentarei e justificarei as razões das minhas lamentações que penso não serem lamechas mas positivas.

Até lá, recomendo, como o «pisca-pisca» da Televisão, calminha porque esta, mais que a discussão, poderá piscar a luz indispensável à iluminação dos problemas, facilitando a sua resolução e contribuindo para o bom entendimento e manutenção da amizade entre os Homens (e as Mulheres). Pelo menos, tem sido esta a bússola pela qual tenho procurado orientar os meus passos na Estrada da Vida. E, já agora, que estou a chegar à meta final, peço, fervorosamente, a Deus que a bússola se não avarie para boa orientação dos passos que me restam para dar no último troço da Maratona Vital, arbitrada por Deus.

JOSÉ RODRIGUES DIAS

Como é ingénua a crença do nosso Povo, bom, trabalhador e de moral ainda impoluta que, qual fermento de reserva, aguarda o dia em que fará (esperamos em Deus) fermentar, para poder ser visível, toda a Massa Social Portuguesa!

Por isso, devemos dizer-lhe, bondosa e pedagogicamente, que Deus não podia confiar a cadeiras, vassouras e cebolas albarrãs o poder de realizarem milagres que recusou aos Homens que não tiveram, não têm ou não vierem a ter a ventura de ser ungidos pela graça da Santidade.

Devemos dizer-lhe mais que, se a senhora visitante, referida na Superstição I, resolveu retirar-se, foi, simplesmente por ter chegado o momento de fazê-lo e não por obediência a pancadas de vassoura dadas numa cadeira invertida e assente sobre outra e que, se a doente, referida na Superstição II, se cura, é porque Deus e não a cebola crucificada, assim o determina. Seria não só interessante mas também lição proveitosa saber-se o número daquelas experiências com resultado negativo, bastando uma apenas para provar a sua ineficácia.

Melhor do que os elixires falsos de magia e medicina indicados ou outros, é não bater com vassouras em cadeiras invertidas que podem partir-se, originando prejuízos e, no segundo caso, chamar o médico, pondo de parte as cebolas albarrãs crucificadas porque, se aqueles com a sua preparação científica, não curar o doente, as cebolas, por não serem formadas em medicina, muito menos. Se, de facto, pretendem exercer clínica, só têm um caminho a seguir: matriculem-se num faculdade de medicina e concluírem, com aprovação, o curso médico. É que o abuso do exercício médico clandestino está sujeito ao perigo de um processo judicial, ao pagamento das respectivas custas e selos e, ainda, a dar com os ossos na cadeira.

Quanto ao resto, é, na mãos de Deus, que está o Nosso Destino.

José Rodrigues Dias

GRAÇA ALHEIA

Calino Filho encontrava-se, casualmente, no quarto de seu pai, Calino Pai, quando este, depois de levantar-se da cama, calçava as meias. Reparando que estas se encontravam rotas, o filho chamou a atenção do Pai para o facto, lembrando-lhe, respeitosamente, se não seria melhor calçá-las do avesso.

— Tens razão, filho. Que falta de inteligência a minha. E, aproveitando a ideia filial, calçou as meias pelo avesso, convencido, assim, de que os pés ficariam sem janelas, tal qual a Glorinha da telenovela brasileira Gabriela, Cravo e Canela que a Televisão Portuguesa tem vindo e continua a difundir, em folhetins, com muito agrado dos telespectadores. E, na minha óptica, o agrado é merecido porque os Artistas representam a telenovela com tanta naturalidade que temos a ilusória impressão de estar a ver a representação de cenas não no «écran» da televisão mas no da vida real.

José Rodrigues Dias

É NATAL SEMPRE QUE...

— Sempre que um homem desorientado levanta os olhos e toma coragem porque vê no Céu uma Estrela — pois o Criador se lhe mostra através das obras, da Criação — é Natal.

— Sempre que um homem pecador e rude se debruça sobre uma criança e sente desejos de ser puro e inocente como ela — é Natal.

— Sempre que um rico abre as mãos, sem tocar a trombeta, e reparte o que não precisa com os necessitados, e se torna ao mesmo tempo mais feliz e mais triste, arruinado e satisfeito — é Natal.

— Sempre que dois seres calcados por toda a parte, indesejáveis a todos, salvo um ao outro (e ao Pai do Céu que vê no secreto, retomam coragem e seguem em fren-

te, sem perder a Esperança, e sem ódio no coração — é Natal.

— Sempre que alguém se abre aos outros e se esquece de si, vencendo o Egoísmo, a Mentira e a Injustiça — é Natal.

Num mundo onde a mentira mora em casas envidraçadas e a verdade está enterrada em covas cobertas de papel alcatroado, é Natal sempre que uma pessoa prefere a verdade à própria vida.

Nesta floresta sem clareiras, onde já não há S. Franciscos para amansar os lobos (símbolo dos maus), num inverno tenebroso (o gelo da falta de solidariedade), os Cristãos têm de testemunhar que a cada momento pode ser Natal. Como diz uma conhecida poesia, «quando o Homem quiser, será Natal».

A IGREJA NA ALEMANHA AJUDA AS POPULAÇÕES DO III MUNDO

Durante o ano passado, a Igreja na Alemanha Ocidental continuou a desenvolver o seu esforço de partilha e comunicação de bens com as populações pobres dos Países do chamado II Mundo. Os auxílios enviados através da organização «MISÉREOR» e do Serviço Central Católico de Ajuda ao Desenvolvimento atingiram a soma total de 153,3 milhões de marcos. Estes auxílios financeiros foram distribuídos, na sua maioria em apoio a programas de desenvolvimento, beneficiando as populações rurais de mais de 100 países. Os sectores mais atendidos nestes financiamentos foram: a formação de adultos e os meios de comunicação social, com 52 milhões de marcos; a promoção industrial e associa-

ções de crédito, com 23 milhões; a assistência e promoção sanitárias com 22 milhões de marcos.

A razão por que os investimentos se situaram preferentemente no auxílio ao desenvolvimento das populações rurais é o facto de se pensar fundamentalmente que a melhor maneira de combater a miséria nos arredores das grandes cidades, será promover o desenvolvimento das populações do campo.

O movimento MISÉREOR, que, só à sua conta, o ano passado, recebeu de donativos dos católicos alemães cerca de 85 milhões de marcos, tem como tema proposto aos católicos, para o corrente ano, o seguinte: «Viver diferentemente para que os outros possam sobreviver».

Subsídio para retornados

Foi assinado no dia 20 de Setembro, o protocolo de concessão à Cáritas Portuguesa, para auxílio aos retornados dos antigos territórios ultramarinos, de mais um subsídio no valor de um milhão de dólares (cerca de 40 mil contos), por parte do Governo dos Estados Unidos através do Catholic Relief Services, organismo da Igreja e da Cáritas norte-americana para ajudas no estrangeiro.

Esta verba de um milhão de dólares destina-se à continuação do programa de apoio aos retornados e desalojados, através da ajuda básica e sobretudo da criação de postos de trabalho e financiamento de iniciativas individuais ou colectivas. No primeiro ano de gestão deste programa foram apoiadas 97 iniciativas, correspondendo a 276 postos de trabalho, abrangendo 1104 pessoas.

Competirá a cada uma das 19 Cáritas diocesanas, de acordo com a resolução da Comissão Permanente da Cáritas, seleccionar e apoiar os casos a ser atendidos por este programa, que, devido a acordos internacionais, deverá ser gerido pela Cáritas Portuguesa.

Solução — A estrada.

Encontro com a Bíblia

É tão bom saber e compreender o que a Bíblia encerra de maravilhosos!

Devemos analisar profundamente tudo quanto de belo e verdadeiro nos oferece e saber tirar-lhe as melhores lições da vida.

Abrimos este Livro Sagrado e detivemo-nos no capítulo referente ao rei de Babilónia, Nabucodonosor, que sitiou Jerusalém.

Nessas páginas sagradas aparece-nos uma grande figura Bíblica — Daniel, o inspirado de Deus.

Acusado de adorar o seu Deus foi metido na cova dos leões mas saiu sem lesão alguma porque ele acreditou no seu Deus. (Cap. 6-23).

Meditamos seriamente sobre esta passagem da Bíblia e concluímos:

Como Daniel saiu incólume da cova dos leões, assim Cristo Senhor Nosso saiu glorioso do sepulcro e se Daniel desde o princípio até ao fim da sua vida ficou com seus irmãos, os judeus, para consolá-los e instruí-los, também Jesus Cristo está e estará com sua Igreja até à consumação dos séculos.

Livia Carvalho Ramalho

A escrita

O homem dos primeiros tempos fazia desenhos nas cavernas onde habitava. Desenhava principalmente animais e cenas de caça.

Pouco a pouco foi evoluindo, começando a fazer desenhos convencionais. Para escrever a palavra «força», desenhava, por exemplo, um leão.

Só muito mais tarde se deu um passo decisivo: o nascimento do alfabeto. O homem fez alguns sinais, e a cada um deles deu um som.

E quem inventou o primeiro alfabeto? Não se sabe a certeza. Mas foram os Fenícios quem o espalharam pelas terras onde iam negociar.

O vocábulo «alfabeto» formou-se dos dois primeiros sons da língua grega: alfa e beta. As vezes também lhe chamamos abecedário, porque começa por a, b, c.

As 23 letras não resolvem todas as exigências da linguagem. Por isso temos ainda os acentos gráficos para as vogais. Deste modo conseguimos, só com as cinco vogais, dezassete sons.

Não esqueçamos ainda mais três letras que usamos algumas vezes: o K (capa), o W (duplo vê) e o Y (i grego). Ficam assim vinte e seis letras.

Os jovens russos e o cristianismo

Um estudo recente, efectuado na Rússia, revela que, apesar da propaganda sistemática de Ateísmo nas escolas e nos Meios de Comunicação Social e dos riscos que tal envolve, cerca de 30 % dos Jovens afirmam pertencer a uma religião cristã. Entretanto, na cidade de Leninegrado, a segunda cidade do País, 41 % das pessoas afirmaram celebrar serviços religiosos nas suas próprias casas.

Quatro versos

Tanto guerreiro tombado,
Tanta criança ferida,
Tanto sangue derramado
Só por dois dias de vida!

Bento Dias Pontes

PARA OS MAIS NOVOS

No mais fino pano cai a nódoa

A ti Rosa é uma mulher muito activa. Falou a um rancho de mulheres para semente milho. Quando foram jantar a meio do dia, disse-lhes:

— De tarde tragam um foicinho.

Perto da noite disse-lhes que o tempo estava bom e que fazia bom luar, que se elas não se importassem de cortar o centeio, que já estava em acção de cortar, lhes dava uma ceia de batatas e bacalhau.

As mulheres aceitaram, não tanto pela ceia, mas pela paródia, e, ao tocar das Trindades da noite, uma delas perguntou:

— Eh, ti Rosa, então o centeio vai-se cortar?

— Se me fazem o favor...

— Fazemos, pois. Vá fazer a ceia, mas faça depressa, que nós entre uma hora temos tudo cortado.

A ti Rosa correu para casa e, com todo o cuidado, acendeu o lume, deitou na panela água, lavou bem as batatas, cortou um bacalhau grande em pedaços e toca de espevitar o lume, não cheguem as mulheres e a ceia por cozer.

A gata não se tirava de roda dela a miar e a mulher gritou-lhe:

— Mas que queres tu?... Jantaste a quando eu e não podes esperar pela ceia?! Toma lá broa...

A gata não quis a broa.

A ti Rosa foi ver se as batatas estavam cozidas, a gata quis encostar as mãos à panela.

— Queres bacalhau?! Apanhas mas é um pontapé!...

Enquanto a ceia se cozia, ela punha a mesa, toalhas muito bem lavadas e passadas, duas taças grandes para as batatas, um prato para as fardas das batatas e espínguas, um prato para o bacalhau com muito azeite, e pensava de si para si:

— Hádem ver que eu sou capaz de pôr uma mesa! Entretanto, chegam as mulheres.

— Eh, ti Rosa, a ceia está feita?

— Já, é só pô-la prá mesa. Anda cá, Anita, pega na panela, escorre as batatas, divide-as pelas duas taças.

Oh! Triste surpresa!... Ao emborcar a panela ficaram em cima das batatas três gatinhos cozidos, que a gata tinha posto dentro da panela.

Só então a ti Rosa soube o que a gata queria. Durante o dia a senhora Rosa não se cansou de falar de fraquezas alheias. Ali tinha a recompensa. Deus permita que ela lhe sirva de emenda.

Maria Gomes Silva



Rir dá saúde!

— Então a casa não tem quarto de banho? A porteira — Nunca fez falta! Os senhores que aqui moram iam todos os anos um mês para a praia...

★

A menina Rosa, criada de fora, tinha o noivo no Brasil. Um dia recebeu um cheque para as despesas do enxoval. Foi ao banco a conselho da patroa.

— Bom... então assine aqui.

— Assinar, como? — perguntou atabalhada.

— Assine como costuma fazer nas suas cartas. Depois de algum tempo, a Rosa apresentou ao empregado o cheque assinado. Rezava assim: «Tua muito amiga Rosa» Ao ler aquilo, diz o empregado: «Donde é que me conhece?»

★

Entre alunos duma Escola.

— Sou o 1.º aluno da turma B.

— Mas eu sou o primeiro em notas.

— E eu sou o primeiro a sair, quando toca a campainha.

ADIVINHA

Qual é a coisa que corre montes e vales sem se mexer?

★ A Assembleia da República votou um voto de desconfiança ao Governo Socialista de Mário Soares. Todos os partidos da oposição votaram contra aquele governo, que, segundo eles, só contribuiu para desgraçar ainda mais Portugal. Esperamos que o sr. Presidente da República resolva, com a ajuda de todos os Partidos, esta crise governativa.

★ O novo Código do Registo Civil foi publicado e entrará em vigor em 1 de Abril. Estabelece maioridade aos 18 anos e igualdade de direito e deveres no casamento.

★ Voto obrigatório vai ser proposto pela PSD/PPD, com multas para os que se abstiverem. Entretanto, dirigentes do P. S. e P. C. manifestam-se contra e, por isso, a lei poderá não ser aprovada.

★ Médicos espanhóis descobriram o processo de curar certo tipo de cegueira. Em 225 casos conseguiram êxito absoluto.

★ Moçambique foi mais uma vez atacado por forças rodesianas. Centenas de mortos causou o ataque da Rodésia.

Foi aprovado um Decreto-Lei que elimina a partir do ano lectivo de 1977/78, o diploma de 4.º classe, sendo instituído um diploma para os alunos que concluírem com aproveitamento a escolaridade obrigatória de 6 anos.

Por outro lado, estabelece-se, no mesmo diploma, que a escolaridade obrigatória é de seis anos para todos os indivíduos nascidos a partir de 1-1-1967, sendo para todos os efeitos legais vedado o ingresso ou acesso aos quadros públicos ou privados aos indivíduos que a não tenham completado, salvo as excepções previstas no diploma.

★ As taxas da rádio passam a ser pagas juntamente com as da luz. Ficam a 1\$00 por dia. A maioria do público não está de acordo, pois além de ter de pagar obrigatoriamente para uma RDP que o agride continuamente, as taxas vão aumentar na ordem dos 300 e tal por cento!...

★ Vai subir o preço dos medicamentos, de 7 a 17 por cento, segundo notícias vindas nos jornais.

★ O vinho vai ser tabelado. Assim, o vinho maduro, a granel, na base duma graduação de 11,5 graus: 13\$00 o litro, na produção; 18\$00 no Armazenista, e 21\$00 na venda ao público. O vinho maduro, engarrafado ou em garrafão, com graduação de 11 graus: 13\$00 o litro, na produção; 20\$00 no Armazenista; 23\$00 na venda ao público para garrafa dum litro, e 100\$00 e 110\$00 para garrafão de 5 litros; no Armazenista e venda ao público respectivamente.

★ Cerca de 800 crianças de Angola chegaram a Cuba para frequentar a escola; cerca de 1000 de Moçambique tiveram o mesmo destino. Será a espanhol — que se fala em Cuba — a língua do futuro daqueles 2 países?

★ Foi provavelmente uma avaria no sistema de travagem o que contribuiu para o grande desastre dos TAP, na Madeira, em que morreram 130 pessoas.

★ A partir do próximo ano lectivo de 1978/79, passará a haver ensino pré-primário para as crianças que completem 5 anos até 31 de Dezembro desse ano.

★ Morreram umas 50 pessoas e mais de 300 ficaram feridas, no tremor de terra que abalou 4 países da América do Sul — Argentina, Chile, Uruguai e Brasil.

TEMAS SOCIAIS

QUANDO?

Quando os homens se derem as mãos,

Em gesto de amor profundo,
E se chamaram irmãos...

Quando sobre os telhados do mundo

Houver ambiente capaz
Para acolher a pomba da paz...

Quando todas as armas de guerra
(Não já no coração!)

Abrirem sulcos na terra
Na alegria do pão...

Só então...

Mesmo sem os presépios multicores,

Sem mesas a transbordar,
Sem brinquedos sedutores,

Na festa de cada lar,
Sem botas na chaminé,
Ou até

Sem ruas cheias de luz...

Só... nesse dia ideal

Terá nascido Jesus,

Será, de facto, NATAL!

Januário dos Santos

Ser livre

Ainda a respeito de pornografia, ouvi esta frase, atribuída a alguém altamente responsável pela governação deste país: «Cada qual tem o direito de escolher o que quiser».

Para mim, parece-me bastante ambíguo e mesmo perigoso o sentido desta frase. Sobretudo retirada do seu contexto. Sim, porque frases soltas, sem outras que a elas estão ligadas, podem comprometer quem as disse, desviando-as do seu verdadeiro significado.

Feita esta observação, analise-mos o conteúdo da frase, tal como se apresenta.

Querer pode significar apetecer, ao nível de desejos desordenados que se põem aos ditames da razão. Desejos que escravizam a vontade e impedem, portanto, a liberdade.

Escolher é a capacidade de ser livre, isto é, de optar por uma coisa de preferência à outra. A capacidade de escolher inclui, portanto, responsabilidade. Escolher o que prejudica a perfeição humana é uma escolha infeliz. Escolher o que, realmente convém é próprio de vontades disciplinadas. Livres, portanto.

O ser humano cuja lei é o que mais apetece nunca conseguirá compreender o valor do sacrifício, e portanto dum ideal nobre. As normas morais não são peias para nos tolher os movimentos. Os indivíduos e as sociedades progredem na medida em que cultivam os autênticos valores morais.

A pornografia e tudo quanto explora a fraqueza humana é um abuso que nada nem ninguém pode justificar. O remédio verdadeiramente eficaz está na promoção dos valores morais. A repressão sem mais nada é como a caça aos ratos feita por gatos com campainhas ao pescoço. Fogem dum lado e metem-se no outro...

Meu amigo: Ser capaz de querer e escolher o que realmente vale é capaz de ser livre. E tu não queres ser escravo, com certeza.

Nuno Filipe

O amor é a nossa força

«Não necessitamos nem de bombas, nem de armas. O amor é a nossa força. O amor para com os leprosos os velhos, os moribundos, os paralíticos, para com todos aqueles que não têm nada, nem são queridos por ninguém» — diz a Madre Teresa de Calcutá a um jornalista que lhe perguntou se concordava com os cristãos que optaram pela via da violência para remediar os problemas do mundo.

Madre Teresa nasceu na Jugoslávia, em 1919, filha dum comerciante. Fez-se freira em 1929. Ela conta:

— Estive com as Irmãs de Loreto mais de 20 anos. Dedicava-me ao ensino. Um dia, talvez em 1952, encontrava-me em Calcutá, quando vi uma pobre mulher que agonizava mesmo à porta do hospital. Recolhi-a e procurei conseguir uma cama no hospital, mas ninguém quis saber, porque era uma mulher pobre. Tive que a ver morrer no meio da rua. Então compreendi que havia necessidade de abrir uma casa para os moribundos, um lugar para os mais pobres.

— Qual é a sua visão da pobreza? — pergunta o jornalista.

— Para os que a escolhem a pobreza é uma libertação. Os ricos chegam a ser escravos do dinheiro e dos seus bens. Os bens materiais acabam por dominá-los e não são livres.

— Que pensa dos ricos?

— Penso que a pessoa apegada à riqueza, que vive preocupada com a riqueza, na realidade é muito pobre e merece comiseração. Se, porém, essa pessoa põe as suas riquezas materiais e o seu trabalho ao serviço dos outros deve ser louvada e imitada...

— Acha que o mundo se está a interessar cada vez mais pelos pobres?...

— Sem dúvida. Olhe, os jovens de hoje são mais generosos. Muitos estão dispostos a um autêntico sacrifício da vida ao serviço dos outros.

Precisam é de ser guiados e estimulados. Na nossa congregação abundam os jovens.

— Que tipos de jovens?

— Recebemos pedidos de ingresso de raparigas da classe média. Possuem tudo: riqueza, comodidades, ambiente social. Pedem para ingressar numa congregação ao serviço dos pobres, para viverem uma vida de pobreza real e de oração contemplativa.

— Não acha que a violência e as armas de guerra são mais eficazes para construir no mundo a



justiça e a igualdade entre os homens?

— De modo nenhum. A violência e a guerra não constroem nada, só geram a vingança, o ódio, a morte e a destruição. A justiça e igualdade impostas não resolvem os problemas senão aparentemente. Sem transformação do coração humano nada se resolve. Não necessitamos nem de bombas, nem de armas. O amor é a nossa força.

CONCURSO — SONDAGEM

Já se realizou o sorteio deste Concurso.

Sairam os prémios aos números 300 e 726. O número 300 pertence ao sr. Carlos da Conceição Rodrigues — Gondramaz — Miranda do Corvo. Irá receber um Rádio Philips de bolso ou uma Bíblia Sagrada, à sua escolha. O n.º 726 é da menina ou senhora Maria Gomes Silva, residente na Figueira da Foz, mas que não enviou a direcção completa para receber o livro.

Agradecemos que no-la envie, assim como a idade e habilitações, para podermos escolher o livro mais adequado para lhe oferecer, no valor mais ou menos de 80\$00.

Publicamos neste número o trabalho que esta leitora nos enviou: «No Mais Fino Pano Cai a Nódoa».

Quanto às críticas feitas pelos concorrentes como lhes era pedido, iremos sugerir a todos os colaboradores que evitem os temas intelectualistas e procurem escrever em linguagem acessível a todas as camadas sociais.

Como já referi, no último número, os reparos à publicação dos pagamentos de assinaturas, que serve de ostentação e alimento de vaidades cremos que não poderá ser evitada. É que reduz as despesas de envio de facturas e poupa trabalho!

UMA HISTÓRIA DE VEZ EM QUANDO

Defesa dum assassino

Em Paris, capital da França, onde o caso se deu, estava sentado, no banco dos réus, um rapazote de dezassete anos. Tinha agredido e matado traiçoeiramente uma pobre velha, e isto para lhe roubar apenas cinco francos, mísera economia que ela guardava.

— Emídio Gaudot — disse-lhe o presidente do Tribunal — se tivesses sabido que Rosa Mercié tinha somente cinco francos, tê-la-ias matado?

— E porque não? — responde o acusado. — A mim que me importa uma velha carcaça a mais ou a menos no mundo?!

Ouvindo esta resposta tão revoltante, o Presidente exclamou:

— E quem foi que te ensinou tamanha malvadez?

— Sei lá bem quem foi?! — responde ainda mais cinicamente aquele moço.

Mas o que não soube dizer o acusado disse-o magnificamente o seu advogado. Eis como falou aos circunstantes Saint Appert, seu advogado de defesa:

«O meu ofício, senhores, é muito fácil: o acusado é réu plenamente confesso, não há nenhuma defesa a fazer. Para além disso, ele nem sequer parece estar arrependido do crime que cometeu. E no entanto ele não é culpado. Peço mesmo a sua absolvição.

Acuso aqui outros que são mais réus do que ele. Esses réus, senhores, sois vós que aqui representais a Sociedade que se vê obrigada a premir as culpas que a sua incúria e a sua corrupção não soube prevenir. Vejo diante de mim e saúdo reverentemente a imagem do Crucifixo. Ele está aqui no vosso tribunal, onde condenais os réus. Mas porque não está também nas escolas onde se ensinam e educam as crianças?

Por que punis sob os olhos de Deus, se vos esforçais por riscar dos livros escolares até o nome desse mesmo Deus?

Se a Gaudot tivesse sido mostrado o Crucifixo quando se assentava nos bancos da escola, Gaudot não se assentaria agora no banco dos réus e da infâmia. Quem ensinou, porventura a este jovem, na escola, que existe um Deus, que há uma justiça futura? Quem lhe falou da Doutrina de Cristo de paz, amor e verdade? Quem lhe falou da alma, do respeito ao próximo, do temor de Deus?

Quem lhe ensinou o mandamento de Deus: «Não matarás, nem causarás outro dano ao corpo ou à alma, a ti mesmo ou ao próximo? Em que livros oficializados se encontram estas Verdades?

Abandonado às suas paixões, este jovem viveu como uma fera no deserto, e, agora esta sociedade quer matá-lo como a um tigre, quando o devia ter amansado como um cordeiro.

Sim, sois vós, senhores, que acuso... vós que espalhaiis ou permitis que se espalhe entre o Povo a incredulidade e a pornografia, e ainda vos admirais de que o Povo vos responda com crimes e com a decadência moral.

Condenai este rapaz, se assim vos apetece. Para isso tendes direito. Mas ele memo vos acusará a vós e a toda a sociedade francesa como culpados do seu próprio crime.»

Quantas carradas de razão nas palavras deste corajoso advogado francês, Saint Appert!?

O GOVERNO DA TANZÂNIA

ENTREGA AS ESCOLAS À IGREJA

Animado pelos entusiasmos revolucionários juvenis, o governo da Tanzânia, em 1973, ordenou à Igreja que entregasse todas as suas escolas ao Estado. Desta forma, os missionários e demais pessoal que trabalhava na educação das crianças, jovens e adultos tanzanianos, foram forçados a deixar os seus centros de ensino e a dedicarem-se a outras actividades no País ou a partirem para o estrangeiro.

Ao fim de quatro anos de experiência de ensino estatal, os responsáveis governamentais, reconhecendo o fracasso total da sua obra, que levou à degradação do nível de ensino e à ruína dos edifícios escolares, decidiram entregar novamente as escolas à Igreja. Simplesmente, esta perante o estado lamentável das escolas, a ausência de pessoal docente e outras razões, não pôde aceitar este encargo.

NÃO À VIOLÊNCIA, SIM À PAZ!

«Não à violência, sim à paz»: tal é o tema escolhido pelo Santo Padre para o próximo Dia Mundial da Paz — 1.º de Janeiro de 1978. Tragicamente actual, ele corresponde a uma das preocupações maiores de Paulo VI, aos seus ensinamentos e à inquietação da opinião pública, no mundo e na Igreja, e constitui um prolongamento natural e uma aplicação do tema precedente «Se queres a paz, defende a vida». A violência, de facto, ameaça, mutila e destrói a vida humana, mesmo que ela possa aparecer, sob certos aspectos, como uma reacção da mesma vida.